



VIRALIZANDO O SISTEMA: O MOVIMENTO GAY SHAME E AS SUBVERSÕES ANARQUISTAS

Alcidesio Oliveira da Silva Junior ¹

RESUMO

Como um vírus no sistema, infectando as estruturas do capitalismo e dos padrões heterossexuais de se viver/existir, assim surge o *Gay Shame*, movimento anarquista *queer* norte-americano sustentado pelos princípios clássicos da cooperação, autogestão e oposição ao Estado. Neste texto, busco tecer entrelaçamentos ousados entre a ação direta *extravaganza* do movimento e agenciamentos de uma educação anarquista, selvagem, subversiva e perigosamente atendida com as demandas políticas e sociais que emergem por meio da comunidade dos corpos abjetos. Para tanto, envolto nas reflexões pós-estruturalistas de Gênero, Sexualidade e do Anarquismo *Queer*, lanço meus olhares enviesados aos objetivos do *Gay Shame* e a sua intervenção na 27ª Dyke March realizada em São Francisco/EUA, percebendo que as práticas anarquistas do movimento ao provocarem dissidências e fissuras neste sistema agem como vírus correndo a imunidade do Capital, na tentativa de enfraquecê-lo cotidianamente por meio de microações políticas nas relações de força a qual estamos inseridxs.

Palavras-chave: Estudos de Gênero, Teoria Queer, Estudos Culturais, Anarquismo Queer, Sexualidade.

INTRODUÇÃO

Um vírus no sistema², destruindo dados lucrativos que sustentam o capitalismo, infectando as estruturas da normatividade sexual e de gênero, disseminando contrariedades e incômodos entre aqueles que caminham nas zonas confortáveis das hegemonias. Como se riscasse uma parede de vidro e habitasse entre as fendas, o movimento *Gay Shame* surge em junho de 1998 na cidade de Nova York/EUA nos anseios libertários, autogestionados e cooperativos de uma proposta anarco-*queer*, visando combater a supremacia branca, o capitalismo, o poder, a polícia, o colonialismo e todas as formas de dominação³.

Em meio a um conservadorismo extremamente aliançado à brutalidade policial, à política de gentrificação de Rudolph Giuliani, Prefeito de Nova York (1994-2002), à demolição

¹ Mestrando em Educação da Universidade Federal da Paraíba na linha de pesquisa dos Estudos Culturais da Educação e especialista em Educação Infantil pelo SENAC/SP. Atualmente integra o Grupo de Gênero, Educação, Diversidade e Inclusão – GEDI (CNPq/UFPE) e o Laboratório de Experiência, Visualidade e Educação – LEVE (CNPq/UFPE). E-mail: ateneu7@gmail.com

² Tradução minha para A VIRUS IN THE SYSTEM, slogan do movimento *Gay Shame* presente em suas redes sociais.

³ “We work collectively outside boring and deceptive non-profit models to fight white supremacy, capitalism, ableism, cops, settler-colonialism and all forms of domination.” Disponível em: <https://gayshame.net/>. Acesso em 25 jul 2019.



de jardins comunitários em função da construção de moradias de luxo, ao policiamento dos espaços sexuais públicos e privados, ao fechamento de *sex shops* na cidade e à prisão em massa de profissionais do sexo (SYCAMORE, 2008), a “Vergonha Gay” (tradução de *Gay Shame*) emerge como uma alternativa radical a estas políticas reacionárias, inclusive, apoiadas por proprietárixs de lugares gays, carregadxs de assepsia e desejosxs de transformar a cidade de Nova York em um lugar mais apropriado para os turistas, afastando, portanto, todxs xs sujeitxs indesejadxs, sujxs, inadequadxs, que historicamente ocupavam os espaços com arte, desejos e sexo.

O *Gay Shame* avança sobre o legado deixado pós-eclosão dos Novos Movimentos Sociais na década de 1960, que romperam com o centralismo economicista da esquerda tradicional, costurada em torno das teorias marxistas, e trouxeram para a cena política as contestações e lutas do movimento pelos direitos civis da população negra, do movimento feminista da segunda onda e do movimento, então chamado, homossexual (MISKOLCI, 2017). Mas apenas na segunda metade da década de 1980, com a produção dos pânicos sexuais pela epidemia da AIDS, que a Teoria *Queer* evidencia-se, chamando à luta política/teórica aquelxs sujeitxs que não correspondiam ao padrão do movimento homossexual desta época – branco, classe média e ávido pela incorporação aos modelos sociais heteronormativos/binários – focando, nas suas demandas e organização política, “na crítica às exigências sociais, aos valores, às convenções culturais como forças autoritárias e preconceituosas” (Idem., 2017, p. 25).

Neste texto, busco tecer entrelaçamentos ousados entre a ação direta *extravaganza* do movimento, termo utilizado por Mattilda Sycamore, umx dxs militantxs do *Gay Shame*, e agenciamentos de uma educação anarquista, selvagem, subversiva e perigosamente atendida com as demandas políticas e sociais que emergem por meio da comunidade dos corpos abjetos. De que forma as práticas culturais do movimento *Gay Shame* desembocam em pedagogias culturais na constituição de subjetividades ameaçadoras ao sistema cisnormativo-branco-cristão-classe-média? Para tanto, me aproprio sem nenhum compromisso racionalista e generalista, das reflexões dos Estudos de Gênero e Sexualidade, do pensamento Anarquista e do amplo campo dos Estudos Culturais.

Visando os limites deste texto, lanço meus olhares enviesados aos objetivos do *Gay Shame* e a sua intervenção na 27ª *Dyke March*⁴ realizada em São Francisco/EUA no dia 29 de

⁴ “Marcha das Sapatonas” (Tradução minha). *Dyke* é uma gíria originalmente tomada como ofensa lesbofóbica, mas recuperada pelxs militantes *queer*, ressignificando-a.

junho de 2019, evento consagrado no calendário *queer* da cidade e que reúne, segundo o site⁵ do evento, todas aquelas mulheres/sapatonas que questionam e desafiam as construções de gênero, bem como as definições sociais das mulheres: trans-sapatonas, *male to femme* (MTF), transfemininas, transmasculinas, *genderqueer* e sapatonas fluídas no gênero.

METODOLOGIA

Para as reflexões aqui propostas, lanço mão da análise cultural com base nos Estudos Culturais, Estudos de Gênero e Sexualidade, em suas transas com as reflexões anarquistas, especialmente na perspectiva pós-estruturalista do anarquismo, inspirada na filosofia de autores como Foucault e Deleuze. Como pesquisa qualitativa, me insiro em um paradigma pós-crítico, compreendendo o gênero e a sexualidade como fabricações atravessadas por discursos (BUTLER, 2018) e produto de arranjos históricos e culturais que materializam as relações de poder aí inscritas (LOURO, 1997).

Para a coleta dos dados, lanço-me a uma pesquisa documental em textos e materiais visuais produzidos pelo *Gay Shame* para a ação direta realizada na 27ª *Dyke March* em São Francisco, “investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise” (SÁ-SILVA et al, 2009, p. 4). Me revestindo das possibilidades de escrita que o pós-estruturalismo me permite, resolvo aqui compor um texto onde as costuras teóricas e as argumentações analíticas formem um só tecido, evitando, por escolha política e estética, as divisões de um artigo convencional.

A AÇÃO DIRETA EXTRAVAGANZA

Emergindo em um contexto político de acirramento do conservadorismo em Nova York em 1998, o *Gay Shame* espalhou-se como uma epidemia *queer* em outras cidades dos Estados Unidos, alcançando voos em outros países, como a Suécia em 1998. Em São Francisco, cidade conhecida por sua esfuziante comunidade LGBT, o movimento chega em 2001 animado por Mattida Sycamore, militante *queer*, na tentativa de construir espaços onde as práticas de esperança contrastassem com uma realidade de apodrecimento do mundo, inclusive na cultura

⁵ <https://www.thedykemarch.org/dyke-identity>. Acesso em 26 jul. 2019.

queer, que, na cidade, havia sido demolida e substituída por “[...] hipsters da alta moda procurando as festas mais bacanas”⁶ (SYCAMORE, 2008, p. 239 – Tradução minha).

Para Sycamore, naquele lugar de normatização das práticas de gênero e de sexualidade, conduzidas como atos de consumo do capitalismo, o *Gay Shame* “[...] foi uma oportunidade de ajudar a construir algo transformador, desviante e perigoso fora da alienação e desespero”⁷ (2008, p. 239 – Tradução minha). Como sabemos, além das lutas de ordem econômica que os grupos mais desfavorecidos empreendem, outras práticas culturais dentro da sociedade hegemonicamente branca, cristã, heterossexual e cisnormativa, sustentadas em binarismo opressor e silenciador, atuam na tentativa de encarcerar as singularidades, encaixotando-as em modelos aceitáveis pela ordem dominante e, como um dos seus braços mais expressivos, pelo Estado.

Estas molduras acabaram sendo abraçadas pelo movimento gay e lésbico tradicional, surgidos na movimentada década de 60, desejosos por uma aceitação social e por direitos civis conquistados na base da normatividade, da reprodução do modo heterossexual de viver e na discrição, acima de tudo. De acordo com Miskolvi (2017, p. 24-25):

Em sua maior parte, o movimento homossexual emerge marcado por valores de uma classe-média letrada e branca, ávida por aceitação e até mesmo incorporação social. Algo muito diverso se passa quando surgem movimentos queer, se pautarão menos pela demanda de aceitação ou incorporação coletiva e focarão mais na crítica às exigências sociais, aos valores, às convenções culturais como forças autoritárias e preconceituosas.

Assim, o *Gay Shame* lança-se na empreitada de viralizar o sistema em diversos pontos onde pode alcançar por meio da internet e de sua militância. Mas que sistema estamos falando? Justamente aquele denunciado pela Teoria *Queer* e baseado na rejeição de todos os corpos que não condizem com os modelos esperados-desejados-amados pela sociedade heteronormativa, branca e cristã: “[...] aqueles e aquelas considerados anormais ou estranhos por deslocarem o gênero ou não enquadrarem suas vidas amorosas e sexuais no modelo heteroreprodutivo.” (Idem., p. 25).

Dentre as várias ações implementadas pelo *Gay Shame* – além dos encontros regulares divulgados no site e que promovem performances, formações políticas, venda de comida vegana e expressões culturais variadas na música e na dança – vemos movimentações contra a

⁶ “[...] high-fashion hipsters looking for the coolest parties”.

⁷ “[...] has been an opportunity to help build something transformative, deviant, and dangerous out of alienation and desperation”.

especulação imobiliária que afeta a população de baixa renda, contra o avanço do conservadorismo e o fascismo na política, contra o Estado e contra as práticas opressoras aos corpos abjetos da sociedade. Incorporando práticas do movimento anarquista, como a ação direta e propaganda revolucionária, o *Gay Shame* advoga a emergência de uma cultura de resistência a toda forma de dominação, inclusive na comunidade LGBT, munida, muitas vezes, de uma ideia de construção de Estado por meio da determinação de políticas vindas de cima. Porém, “[...] uma posição anarquista pós-estruturalista sugere que o Estado não determina políticas, mas que certas práticas políticas (incluindo, mas não só, eleições e lobby) *produzem o Estado*. (HECKERT, 2015, p. 178 – Grifo do autor).

Figura 1 – Divulgação dos encontros do Gay Shame em São Francisco



Fonte: Site oficial do movimento⁸

Assim, são as práticas cotidianas levadas a sério pelo movimento, bem como a construção de uma cultura de cooperação e solidariedade, distantes do ideal capitalista sustentado pelo individualismo liberal e a competição, que promovem fissuras no sistema de dominação – seja de gênero, classe, sexual, racial ou étnico –, colaborando para um mundo mais justo e sem amarras. O teor da propaganda e da formação política, construídas nas

⁸ Disponível em: <https://gayshame.net/wp-content/uploads/2017/11/burning-rainbow-flag.jpg>. Acesso em 27 jul 2019.

microrelações e nas intervenções locais pelo movimento, podem ser evidenciadas na materialização discursiva de sua práxis política, como também nos materiais disponíveis no site para download e compartilhamento livre. O primeiro *zine* distribuído gratuitamente pelo movimento, por exemplo, intitulado *Swallow Your Pride: A Do-It-Yourself Guide to Hands-On Activism* (Engula o seu orgulho: Um guia “faça você mesmo” para um ativismo prático – tradução minha) continha dicas de grafiteagem, formas de desobediência civil, artigos sobre oficinas clandestinas e organizações sindicais, sobre a repressão ao sexo público, ativismo gordo e informações sobre troca de seringas e AIDS (SYCAMORE, 2008).

Mais do que um movimento por uma sexualidade libertária, o *Gay Shame* levanta a bandeira de todxs xs sujeitxs oprimidxs nesta sociedade injusta e desigual. Faço coro as palavras de Miskolci ao argumentar que “[...] um olhar queer é um olhar insubordinado. É uma perspectiva menos afeita ao poder, ao dominante, ao hegemônico, e mais comprometida com os sem poder, dominados, ou melhor, subalternizados” (2018, p. 48).

CONTRA TODO O AUTORITARISMO – POLÍCIAS, FORA!

Como ataque ao autoritarismo e policiamento das sexualidades, trago para este texto a ação direta realizada na 27ª *Dyke March* em São Francisco/EUA no dia 29 de junho de 2019, evento anual que reúne a militância *sapatona* (tradução para *Dyke*) feminista/transfeminista na luta por mais visibilidade, espaços políticos, direitos e respeito. Reconhecendo o histórico de opressão e de violência exercidos pela polícia, braço armado do Estado, o *Gay Shame* realizou uma propaganda prévia e intervenção durante o evento pela não presença dos policiais na *Dyke March*.

Figura 2 – Intervenção na Dyke March 2019



Fonte: Site oficial do movimento⁹

⁹ Disponível em: https://gayshame.net/wp-content/uploads/2019/06/IMG_0741.jpg. Acesso em 27 jul 2019.



A manifestação chamada *Cops out of Dyke March* (Policiais fora da Marcha das Sapatonas – Tradução minha) tinha o caráter de denunciar as práticas de violência do Estado à comunidade LGBT, especialmente àquelxs que fogem da normatividade heterossexual, estética e de relacionamento amoros/sexual, xs principais alvxs das políticas de silenciamento e violência simbólica, ou até mesmo física, deste grupo. Um dos cartazes (Figura 3) chama as pessoas para a Marcha, porém destaca que *Cops are NOT DYKES, Cops are...* (Policiais NÃO SÃO SAPATONAS, Policiais são... – Tradução minha) enumerando uma série de práticas cotidianas sofridas pela população *queer*.

Figura 3 – Cartaz “Cops are not dykes, Cops are...”



Fonte: Site oficial do movimento.¹⁰

Aqui faço uso da conceituação mais ampla do movimento *queer*, em especial do anarquismo *queer*, que constroi as suas lutas em favor dos abjetos da sociedade, das pessoas marginalizadas, excluídas, dignas de nojo, repulsa, cuja existência é um ataque ao sistema. De acordo com Miskolci (2017, p. 24), a abjeção “[...] se refere ao espaço em que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política.” Desta forma, ao trazer para o foco da luta e da denúncia não apenas questões que dizem respeito às opressões de gênero e de sexualidade, o *Gay Shame* ergue uma

¹⁰ Disponível em: <https://gayshame.net/index.php/cops-out-of-dyke-march-2019/>. Acesso em 27 jul 2019.



bandeira do anarquismo tradicional e que persiste em suas correntes contemporâneas. Vemos na imagem acima a denúncia da opressão policial às pessoas sem teto, o assassinato do povo negro, as torturas nas prisões de São Francisco, o assédio às/aos/xs profissionais de sexo, as agressões sexuais cometidas nos próprios carros das corporações, entre outras injúrias.

O que estas pedagogias culturais podem ensinar? Que singularidades carregadas de rebeldias podem aflorar? Tomo o conceito de Pedagogia Cultural dos Estudos Culturais, compreendendo que “[...] a educação como vontade de governar, de moldar e dirigir condutas [...] são praticadas em distintos espaços e contextos” (COSTA; ANDRADE, 2015, p. 845). O *Gay Shame*, e seu anarquismo *queer*, além de posicionar-se nas disputas em torno de narrativas, na educação mútua e como proponente de *espaços outros* anti-hierarquia e anti-autoritarismo, confundem, viralizam, infectam o sistema em função da evidenciação de outras formas de pensar, transar, amar, ser...

Figura 4 – Manifestação do *Gay Shame* em São Francisco



Fonte: Site oficial do movimento ¹¹

Ao se posicionarem contra uma sociedade heteronormativa, que inclusive interpela os sujeitos LGBT's, e contra uma sociedade capitalista, o anarquismo *queer* estilhaça vidros de caixas sólidas, porém históricas e culturais, que prendem a criatividade e as diferenças. Ao trazer para a cena que tais elementos são produtos históricos e vontades de verdade, e que podem ser questionados, revistos, transformados, o *Gay Shame* problematiza a construção desta realidade opressora, visando novos caminhos possíveis, pois “[...] é preciso ter em mente que

¹¹ Disponível em: <https://gayshame.net/index.php/cops-out-of-dyke-march-2019/>. Acesso em 27 jul 2019.

hierarquias não são espaços de controle perfeito, as brechas autônomas fissuram e rompem a solidez da estrutura hierárquica” (GARCIA, 2012, p. 330).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas linhas intencionei causar reflexões em torno do movimento *queer*, reforçando o seu conceito rebelde em torno das lutas que, de fato, evidenciam as desigualdades sociais, de gênero, econômicas, raciais e étnicas que permeiam a atual sociedade. O capitalismo, pensamento basilar da contemporaneidade e que entrecorta praticamente todas as relações sociais que vivenciamos, não é um sistema intransponível e as movimentações anarquistas de grupos como *Gay Shame* ao provocarem dissidências e fissuras neste sistema agem como vírus correndo a imunidade do Capital, na tentativa de enfraquecê-lo cotidianamente por meio de microações políticas nas relações de força a qual estamos inseridxs

Desta forma, ao continuar erguendo as bandeiras de justiça social e equidade econômica levantadas pelos movimentos anarquistas tradicionais, o anarquismo *queer* agrega como foco de sua luta também outras formas de opressão e de autoritarismo, como a hierarquia de gênero e da sexualidade. Vê-las como dispositivos de controle, como bem argumenta Foucault, evidencia os entrelaçamentos dos grupos hegemônicos para se manterem no regimento dos comportamentos aceitáveis e nas formas “adequadas” de se viver. O Anarquismo vive e *transpõe* cadeias!

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação as pedagogias culturais contemporâneas. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 843-862, maio/ago., 2015.

GARCIA, Loreley Gomes. Sexo e anarquia: uma combinação explosiva. **Estudos Feministas**, v. 20, n. 01, p. 327-330, 2012.

HECKERT, Jamie. **Anarquismo e sexualidade: rumo a relações consensuais**. Verve, n. 28, p. 169-195, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Universidade Federal de Ouro Preto, 2017 (Série Cadernos da Diversidade; 6).

SÁ-SILVA, Jackson Ronie et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológica. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 01-15, 2009.

SYCAMORE, Mattilda Bernstein. Gay Shame: from queer autonomous space to direct action extravaganza. In: _____ (Org.). **That's revolting!**: Queer strategies for resisting assimilation. Brooklyn: Soft Skull Press, 2008, p. 237-262.